Universidade de Brasília

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

"O TESOURO DA CIDADE DAS DAMAS – O LIVRO DAS TRÊS VIRTUDES" RECONHECENDO AUTORIDADE E SABEDORIA DAS MULHERES

Mariana Diniz

Monografia de Graduação

Brasília, outubro de 2022

MARIANA DINIZ

"O TESOURO DA CIDADE DAS DAMAS – O LIVRO DAS TRÊS VIRTUDES" RECONHECENDO AUTORIDADE E SABEDORIA DAS MULHERES.

Monografia apresentada ao Departamento de História, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado e bacharel em História.
Orientadora: Professora Dra. Cláudia Costa Brochado

Brasília,

2022

Banca Examinadora

Profa. Dra. Cláudia Costa Brochado – PPGHIS/UnB
(Orientadora)

Profa. Dra. Maria Filomena Coelho – PPGHIS/ UnB
(Membro Interno)

Ms. Marcos Vinicius Marinho Fernandes
(Membro Externo)

Dedico esse trabalho aos meus pais, Alberto e Auriana, que estiveram comigo ao longo de todo o processo da pesquisa me ajudando, incentivando e apoiando.

Amo muito vocês!

Agradecimentos

Primeiro gostaria de agradecer a Deus pelo cuidado que Ele teve comigo ao longo de toda a minha vida e principalmente por me ajudar a me reerguer depois desses dois anos tão difíceis de pandemia.
Também gostaria de agradecer minha família, esse TCC é tanto meu quanto deles! Afinal não teria conseguido sem o cuidado e amor dos meus pais. Por isso agradeço pela paciência, incentivo e por estarem ao meu lado em cada etapa desse trabalho. Amo muito vocês! Obviamente não posso esquecer do meu irmãozinho, João Paulo, que sempre ficava pegando no meu pé dizendo que só leria as histórias em quadrinhos que eu recomendava pra ele quanto eu começasse a escrever meu TCC. Definitivamente era irritante, mas ser irmã significa aguentar esse tipo de coisa… Amo muito você JP!

Agradeço à minha Orientadora, Claudia Brochado, por ter feito parte desse desafio e principalmente por despertar meu interesse nesse tema incrível que é a literatura feminina das mulheres medievais. Em especial as obras dessa autora revolucionária que foi Christine de Pizan. Também gostaria de lembrar dos meus colegas de História que fizeram esses anos na UnB serem tão significativos: Amanda Xavier, Ana Cristian Mesquita, Andreza Carvalho, Isabela Albuquerque, José Marcos, Luís Porto, Luis Henrique Pilger, Milena Nascimento, Paula Stefanni da Silva e Pedro Henrique Klein.

Não posso esquecer de agradecer ao pessoal da ABU-BSB: Dâmaris Bacon, Gabriel Bacon, Higor Valin, Jéssica Kelly Ribeiro, Laura Correa, Luís Guilherme Gaboardi e Thiago Rodgers "Mouse". Sou muito grata a Deus por ter colocado pessoas tão maravilhosas para dividirem comigo essa missão! Agradeço por cada estudo, conversa, por orarem comigo e por mim.

Agradeço aos meus amigos do Leonardo Da Vinci: Gabriel Felix, Giulia Liotto, Lis Chayb, Louise Velloso, Luíza Cardoso, Mariana Casement, Olga Souza e Sabrina Ferreira. Vocês transformaram meu ensino médio nos melhores três anos que eu poderia ter. Amo muito vocês e espero que nossa amizade nunca se perca!

Sou muito grata a Ingrid Kymberly de Souza, Sofia Duarte e Tamara Clasen. Vocês são amigas incríveis que cuidaram de mim nos momentos mais difíceis. Obrigada por me apoiarem e dividirem o amor que tenho pelos livros e pela leitura. Será que nossos projetos em conjunto vão finalmente sair? Não vejo a hora!

Gostaria de agradecer a Tia Cris Hilário e a Claudia Kern, por serem mentoras maravilhosas, gentis e cuidadosas que estiveram me acompanhando e orando por mim ao longo de todo esse processo de TCC. Por fim agradeço a Mariana Nunes e a Marlise Noebauer por revisarem meu trabalho com tanto cuidado e gentileza, me dando os conselhos que precisava para melhorar.

Resumo

Esta monografia tem por objetivo a análise de um dos textos femininos do século XV, escritos por Christine de Pizan, uma das principais interlocutoras no movimento denominado *Querelle des femmes*, um debate literário ocorrido em finais da Idade Média que surge em consequência dos debates entre os textos a favor e contra as mulheres. Seu livro "*The Treasure of the City of Ladies or The Book of the Three Virtues"* em português *"O Tesouro da Cidade das Damas – O Livro das Três Virtudes",* é um manual de educação um "espelho de princesa" escrito em 1405 onde a autora através de uma série de conselhos tanto para princesas e senhoras quanto para mulheres comuns às ensina a serem sábias e a desenvolver uma identidade de autoridade feminina.

Palavras Chaves: Idade Média, Christine de Pizan, Querela das Mulheres, Livro das Três Virtudes, Tesouro da Cidade das Damas, Autoridade Feminina.

Abstract

This monograph aims to analyze one of the female texts of the 15th century, written by Christine de Pizan, one of the main interlocutors in the movement called Querelle des femmes, a literary debate that took place in the late Middle Ages that arises as a result of the dialectic between the texts for and against women. His book "The Treasure of the City of Ladies or The Book of the Three Virtues" in Portuguese "O Tesouro da Cidade das Damas – O Livro das Três Virtudes", is an education manual a " princess mirror" written in 1405 where the author through a series of advice for both princesses and ladies and for common women teaches them to be wise and develop an identity of feminine authority.

Keywords: Middle Ages, Christine de Pizan, Querelle des Femmes, Book of the Three Virtues, The Treasure of the City of Ladies, Feminine Authority

Sumário

Introdução..... 09

Capítulo 1 - Christine de Pizan: vida, obra e seu protagonismo na Querela das Mulheres

1.1 - Christine e sua criação humanista……11

1.2 - Protagonista na Querelle des Femmes……..13

1.3 - Cidade das Damas uma utopia feminina……..16

1.4 - Livro das Três Virtudes, sábios conselhos para o dia a dia……18

Capítulo 2 - O tesouro da Cidade das Damas entre espelhos e *exemplas* de educação feminina

2.1 - A educação feminina …….....……..…….…...20

2.2 - Espelhos, uma reflexão sobre o ideal na educação medieval……...22

2.3 - *Exemplas* de virtudes cotidianas 25

Capítulo 3 - O Tesouro que Christine presenteia as mulheres

3.1 - Autoridade, Fidelidade e Liberdade feminina 29

3.2 - Autoridade para Princesas 31

3.3 - Autoridade para Senhoras Feudais 34

3.4 - Autoridade para Mulheres Comuns.....36

Considerações Finais 39

Fontes 41

Referências Bibliográficas 42

Declaração de Autenticidade 45

Introdução

Joana Maria Pedro, em seu artigo "Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica" (2018), fala como a categoria "mulher", usada como delimitadora de conteúdo nos estudos e pesquisas acadêmicas, era insuficiente, considerando as diversas interpretações que possuía. A categoria "mulher" foi criticada principalmente no contexto norte-americano, em que feministas negras, indígenas, trabalhadoras e mestiças reivindicaram a existência dessas diferenças em suas histórias e experiências como mulher (PEDRO, 2017). Essas reivindicações geraram um debate que fez a academia repensar essa categoria, que passe do singular para o plural, "mulheres". Entretanto para Andrée Michel, independente do nome da categoria, o foco principal desse desconforto era a ausência das mulheres, suas histórias, experiências e diferenças sociais nos espaços de produção científica (PEDRO, 2017).

Assim, numa perspectiva da História das Mulheres, diferentes pesquisadoras e pesquisadores conscientes da importância de escreverem uma história a partir do olhar feminino passaram a destacar em seus trabalhos as experiências, produções e vivências de mulheres que no passado já faziam uma resistência ao apagamento feminino. São diversos exemplos de pesquisadores e, principalmente, pesquisadoras que as trouxeram em coletâneas, destacamos algumas mais próximas desta pesquisa: Milagros Rivera com seu livro "*Textos y Espacios de Mujeres: Europa, Siglo IV-XV* de 2011; Claudia Brochado e Luciana Deplagne, com a obra "Vozes de Mulheres da Idade Média" de 2018; e Marcos Costa e Rafael Costa ao publicar "Mulheres Intelectuais da Idade Média — Entre a Medicina, a História, a Poesia, a Dramaturgia, a Filosofia, a Teologia e a Mística" em 2019.

Com base no pensamento de Joana Maria Pedro de que uma história a partir da perspectiva e experiências femininas é uma forma de criticar como a História vem sendo contada, esta Monografia, apresentada ao Departamento de História, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília e produzida com o intuito de obter o grau de licenciatura e bacharel em História pretende analisar o livro "*The Treasure of the City of Ladies or The Book of the Three Virtues" — O Tesouro da Cidade das Damas o O Livro das Três Virtudes.* Esse livro, escrito em 1405, é um manual de educação, um "espelho de princesa" dedicado a ensinar as mulheres a serem sábias, virtuosas, mas também a terem autoridade e autonomia.

Esta pesquisa tem como objetivo identificar no livro, O Tesouro da Cidade das Damas, trechos em que os conselhos dados pela autora Christine de Pizan se enquadram no conceito de autoridade e fidelidade feminina, cunhados por Nuria Benito e Milagros Rivera.

A partir de uma revisão sistemática da literatura apresenta-se no primeiro capítulo o contexto histórico da autora medieval Christine de Pizan, sua criação humanista e seu protagonismo no debate da Querela das Mulheres. Apresenta-se também como seu livro A Cidade das Damas, escrito em 1405 com seu caráter revolucionário, passa a ser considerado o primeiro livro que questiona a supremacia masculina e seu domínio sobre as mulheres. Por fim, pretende-se retratar como O Tesouro da Cidade das Damas, escrito em 1405 com seus conselhos cotidianos e realistas, foi o primeiro manual prático de educação feminina escrito por uma mulher e que ensinava as suas pares a terem autoridade.

O segundo capítulo, valendo-se também de uma revisão sistemática da literatura,pretende esclarecer como era a educação feminina medieval e as literaturas que serviam de base para a formação das mulheres. Assim, discorre-se sobre os gêneros literários de espelhos de príncipe e *exempla*, e como a obra O Tesouro da Cidade das Damas se insere dentro desses dois gêneros. Sobretudo se mostrará como a autora Christine de Pizan inova em ambos os gêneros ao escrever um manual que é um espelho de princesas dedicado a grandes mulheres e senhoras da corte, mas também um *exempla* por dialogar com as mulheres mais modestas.

Considerando que no Livro das Três Virtudes não há um recorte a partir do status de matrimônio (solteiras, casadas, viúvas), mas sim uma divisão a partir das diferentes classes sociais e de como é a vida cotidiana dessas diferentes mulheres, o terceiro capítulo fará uma análise de conteúdo de forma que a partir dos diferentes trechos selecionados dentro da obra podemos identificar e reunir conselhos que ao serem dados pela autora Christine de Pizan, concedem liberdade, autonomia e principalmente autoridade às diferentes mulheres com quem ela dialoga.

Tanto no livro A Cidade das Damas como no Livro das Três Virtudes Pizan reclama o direito de ensinar e educar as mulheres a partir de conselhos práticos e úteis que a própria autora adquiriu com suas vivências como mulher, resultando na compreensão de que a literatura de Christine como escritora e mulher medieval está repleta de experiências que incentiva as mulheres a retomarem um espaço que antes lhes era negado.

Capítulo 1 — Christine de Pizan: vida, obra e seu protagonismo na Querela das Mulheres

Este primeiro capítulo apresenta Christine de Pizan destacando seu papel central na Querela das Mulheres, movimento que introduziu os debates quanto à natureza e às capacidades femininas, resultando na produção da obra-prima da autora, A Cidade das Damas, e sua sequência, O Tesouro da Cidade das Damas.

Apesar de pouco conhecida pelo público em geral da atualidade quando se pensa em personalidades e autores que viveram no século XV, no meio acadêmico a biografia da escritora Christine de Pizan é bem conhecida graças aos seus escritos autobiográficos, como afirma Sarah Lawson (2003) em sua introdução ao *The Treasure of the City of Ladies or The Book of the Three Virtues* — O Tesouro da Cidade das Damas o Livro das Três Virtudes — obra central deste trabalho de pesquisa. Entretanto, as obras de Pizan com seus discursos antimisógenos e propostas de educação revolucionárias para o século XV ainda são recebidas na academia com surpresa quando considerado o período histórico em que ela viveu e escreveu tais ideias (WUENSCH, 2013).

1.1 Christine e sua criação humanista

Nascida em 1364 em Veneza na Itália, Christine de Pizan, com não mais que 4 anos, foi para a corte francesa, após seu pai Thomas de Pizan — um médico e astrólogo renomado na Universidade de Bolonha e conselheiro do governo veneziano — aceitar atuar na corte do rei Carlos V. Essa decisão deveu-se sobretudo à fama da Universidade de Paris, à reputação humanista do rei (LAWSON, 2003) e à valorização que o rei conferia à tradução de obras clássicas do latim e do grego, na compreensão de que esse exercício refinava a língua materna (SCHMIDT, 2021).

Por ser um homem que valorizava a educação, Thomas não deixou de incentivar a filha a aprender os saberes científicos. Assim, inserida na cultura da corte, Christine recebeu uma educação que poucas mulheres medievais tinham acesso. Mesmo sem pertencer à nobreza, ela frequentou salões e bibliotecas reais, aprendeu a ler obras em francês, italiano e latim, o que corroborou para sua criação. Ela teve assim uma educação considerada humanista, marcada pelo foco na filosofia moral (SCHMIDT, 2021). Questões políticas, como as regras e

convenções da época quanto à vida das mulheres, também moldaram sua criação, em especial comportamentos tipicamente misóginos que dificultavam o dia a dia de suas pares, de forma que tais questões viriam a se tornar temas centrais em suas obras no futuro (LIMA, 2019).

Aos 15 anos de idade, casou-se com Etienne de Castel, um jovem nobre dez anos mais velho, que se tornou secretário e notário real e juntos tiveram 3 filhos. Mesmo que o casamento tenha sido arranjado por seu pai, Christine afirma, em seus escritos futuros, ter sido muito feliz em seu casamento, de forma que a perda do marido em 1390 foi-lhe muito sofrida. Viúva com apenas 25 anos e tendo que sustentar seus três filhos, uma sobrinha e a mãe, pois também havia perdido seu pai alguns anos antes, Christine começou a escrever e fez de seu talento literário sua fonte de renda e forma de sobrevivência (DEPLAGNE, 2020). O trecho transcrito a seguir é como a própria autora descreve seu trabalho:

> Portanto, me dediquei a forjar coisas belas, inicialmente mais breves; e, como todo artista que se torna mais hábil em seu trabalho quanto mais o pratica, sempre estudando diversas matérias, meu senso se embebia cada vez mais de coisas ignoradas, e fui corrigindo deste modo meu estilo, com mais sutileza e maior profundidade (PIZAN apud PERNOUD, 1982).

Ao final de uma década, Christine já possuía relativo sucesso e podia sustentar sua casa unicamente com o retorno da venda de suas obras (LAWSON, 2003) escritas em língua comum, sendo, portanto, reconhecida como a primeira pessoa a fazer da escrita sua profissão (RODRIGUES e SILVA, 2018). Quanto a seus filhos: Marie, em 1397 entrou para a abadia de Poissy e Jean, em 1399 foi enviado à corte de Ricardo II para depois servir ao Duque de Borgonha (SONSINO, 2019).

Vivendo da venda de seus livros, Christine de Pizan construiu uma vasta bibliografia, seja em verso ou em prosa, biografias, autobiografias, longas alegorias e tratados de educação e política, sempre atenta à realidade que a cercava. Pizan nunca deixou que faltasse um caráter ético e político em suas obras que, na sua maioria, abordavam questões de defesa das mulheres e reafirmavam a força moral e intelectual que elas possuíam (LIMA, 2019). A autora escreveu grande parte de suas obras fora dos ambientes monásticos, sendo uma exceção à maioria das mulheres da época, que encontravam nessas comunidades religiosas um espaço mais amplo de educação e de produção intelectual, como foi o caso de Hildegarda de Bingen e Marguerite Porete (WUENSCH, 2013).

Em 1399, escreveu seu primeiro trabalho de caráter antimisógino, *Epistre au Dieu d'Amour*, incitando o debate político-social que viria a se estender até o século XVIII, conhecido como Querela das Mulheres, debate esse centrado na legitimação ou desvalorização do intelecto e da natureza femininas, assim como as reflexões sobre a educação, as condições e as capacidades das mulheres (DEPLAGNE, 2020).

1.2 Protagonista na *Querelle des Femmes*

A *Querelle des femmes*, também conhecida como *Querelle de la rose*, como movimento, dá-se num contexto em que, no final da Idade Média, diversas obras cujo tema central eram as mulheres começam a ser escritas. Christine de Pizan torna-se a protagonista desse debate quando decide responder às acusações que menosprezam as mulheres, defendendo-as com uma argumentação consistente enquanto denuncia a misoginia da época (MARTÍNEZ, 2009).

A Querela foi um debate extenso que envolveu a maior parte da Europa, conforme autoras e autores de diferentes países se dedicaram a escrever suas impressões e interpretações quanto ao sexo feminino, seu valor, sua natureza e suas capacidades de aprender e ensinar. Os escritos advindos desse debate, a exemplo dos discursos morais e científicos, influenciaram a mentalidade ocidental em diversas áreas como a literatura, filosofia, teologia e arte (MARTÍNEZ 2009).

Com a publicação de uma nova edição do *Roman de la Rose*, de Guilherme de Lorris, obra inacabada do século XIII, que, em sua segunda parte, escrita por Jean de Meung no século XV, trazia um discurso anti-feminino, esse debate acerca da natureza feminina e suas capacidades teve início (BROCHADO, 2020). Somando o trabalho de Meung ao de Giovanni Boccaccio, *De mulieribus claris*, escrito no século XIV, o qual questionava a capacidade feminina, Christine de Pizan, Isabel de Villena, Teresa de Cartagena, Isotta Nogarola, Cassandra Fedele e tantas outras que lhe seguiram, dedicaram seus escritos a defender as mulheres.

Christine de Pizan, na França, escreveu A Cidade das Damas como uma resposta política aos argumentos que subestimavam as mulheres. A Cidade das Damas tornou-se a obra chave que inaugurou um novo discurso feminino e marcou o debate da Querela das Mulheres (MARTÍNEZ, 2009). Isabel de Villena (1430-1490), representando a Querela na Espanha, escreveu *Vita Christi*, que traz um debate sobre o papel feminino nas funções intelectuais e da

casa, muito provavelmente a fim de responder aos comentários misóginos de seu conterrâneo e contemporâneo Jaume Roig, que escreve em 1460 *Spill* o *Libre de les Dones* (BROCHADO, 2020). Ambas as autoras, diferenciando-se da maioria dos autores medievais, usam a força de personalidades femininas para defender as mulheres.

Na Itália, Isotta Nogarola (1418-1466) de Verona tornou-se politicamente relevante com sua obra *Liber de Virtutibus*, mas sua obra-prima foi o Diálogo de Adão e Eva, na qual ela trabalhou a temática do pecado original e apresentou a tese de que ambos dividem a mesma culpa do pecado do Éden (RODRIGUES e SILVA, 2018). Lucrezia di Marinella (1571-1653 contradisse a tese aristotélica da superioridade do homem por conta da temperatura corporal e escreveu para contestar a inferiorização das mulheres nas obras de Giuseppe di Passi (LIMA, 2019).

Em Portugal, figuras como Margarida de Navarra (1492-1549, Isabel Sofia Cheron (1648-1711) e outras destacavam-se como intelectuais da época influenciando o trabalho de Gertrudes Margarida de Jesus em 1761 escreveu a Primeira Carta Apologética em Favor da Defesa das Mulheres em resposta a Amador Desengano e seus escritos, que se dedicavam a enumerar os defeitos das mulheres (ignorância, inconstância e beleza). Quanto à ignorância, a autora portuguesa questiona a incongruência da afirmação considerando que as mulheres não eram permitidas nas universidades. e, mesmo assim, figuras como Margarida de Navarra (1492-1549, Isabel Sofia Cheron (1648-1711) e outras destacavam-se como intelectuais da época. Os escritos de Gertrudes não são apenas uma defesa das mulheres quanto às acusações misóginas, eles refutam com as Escrituras e com o exemplo de Cristo para provar quão infundadas são essas críticas às mulheres (LIMA, 2019).

Não foram apenas mulheres que se levantaram para defender seu sexo. Autores como Jean Gerson (1363-1429), Álvaro de Luna (1390-1443), de Rotterdam (1466-1536), Juan Luís Vives (1492-1540) e outros defendiam que muitas obras e exemplos de mulheres foram apagados. Luna, em seu livro *O Libro de las claras y virtuosas mujeres* de 1446, tenta desconstruir a opinião negativa em relação às mulheres e nega que a natureza feminina seja perniciosa e propensa a vícios. Para ele, tanto mulheres quanto homens estão propensos às mesmas inclinações e que sobretudo os feitos de mulheres virtuosas não deveriam ser esquecidos.

Christine de Pizan, tendo acesso a bibliotecas, leu autores como Petrarca e suas críticas aos escolásticos, personagens centrais do humanismo italiano (SCHMIDT, 2021). Quando ela escreveu A Cidade das Damas, em resposta às questões levantadas pela Querela e por autores como Boccaccio e Meung, seu objetivo era claro: defender as mulheres frente à escritos misóginos e a autores como Aristóteles, Platão e Ovídio, que foram retomados com o surgimento das universidades e da Revolução Aristotélica:

> Há na obra de Pizan uma extensa argumentação para defender outra tese, a de que a natureza feminina não seria inferior, confirmando que o entendimento contrário estava fortemente presente em seu meio. Conforme dissemos, os argumentos da tese da natureza inferior feminina tiveram importante sustentação do saber que vinha das universidades, influenciado pela releitura das obras de Aristóteles principalmente pelos escolásticos, que a disseminam nos programas universitários. Ela nega, por exemplo, ser "por debilidade e fraqueza que o corpo, que se forma no ventre da mãe, torna-se o de uma mulher", que o corpo feminino fosse "uma obra tão imperfeita". Para ela é um paradoxo que seja dada tanta importância à natureza, como argumento para criticar as mulheres (BROCHADO, 2020).

Christine, mesmo sendo duramente criticada pelos seguidores e defensores de Jean de Meung, nunca deixou de fazer suas denúncias ao tratamento das mulheres. Seu argumento principal dentro desse debate está tanto na obra *Epistre au Dieu d'Amour* de 1399, quanto em A Cidade das Damas de 1405, afirma que, caso tivessem sido as mulheres a escrever os livros, teriam feito de forma diferente porque elas sabiam que estavam sendo falsamente acusadas (MARTÍNEZ, 2009).

Assim, grande parte das reflexões levantadas pela autora em sua obra A Cidade das Damas está diretamente relacionada com sua história e experiências pessoais (MARTÍNEZ, 2009): uma mulher que fala com propriedade sobre sua realidade e consegue escrever a história de muitas outras mulheres que pensavam como ela. Christine de Pizan dá voz às mulheres medievais, principalmente na oposição e recusa em aceitar a desvalorização do feminino da sociedade da época.

Lima e Wuensch concordam quando afirmam que Christine de Pizan foi uma mulher que enfrentou a dura realidade apresentada ao seu sexo, assim como as dificuldades econômicas após a morte do marido, por meio de sua escrita ela encontrou seus apoiadores e financiadores. Intelectuais como Jean Gerson, a rainha da França, Isabel de Baviera, casada

com Carlos VI, o duque de Orleans, com sua esposa Valentina Visconti, e Guillaume de Tignoville, diplomata de Carlos VI, apoiaram-na em seus escritos, o que lhe rendeu grande notoriedade entre a corte, que continuava a comprar seus livros, consolidando sua profissão não só como copista ou cronista, mas como a primeira escritora (MARTÍNEZ, 2009).

Com um trabalho cuidadoso até a sua morte em 1430, na abadia de Poissy, Christine de Pizan, ao longo dos seus trinta e nove anos de vida profissional, escreveu trinta e sete obras. A defesa das mulheres sempre esteve presente de alguma forma na temática de seus textos, assim como questões de educação, análises político-sociais e direito. Sua última obra, escrita em 1429, foi *Le Ditié de Jehanne d'Arc* em elogio a essa importante personagem histórica, homenagem feita ainda em vida de Joana d'Arc.

1.3 Cidade das Damas uma utopia feminina

A Cidade das Damas, obra-prima de Pizan, é ainda hoje seu trabalho mais conhecido, principalmente pelo caráter revolucionário, sendo considerado o primeiro livro que questiona a supremacia masculina e seu domínio sobre as mulheres (DEPLAGNE, 2020). Escrito em 1405, é uma proposta de modificar a sociedade reavaliando o papel feminino, suas capacidades e intelectualidade, apresentando uma nova autoridade feminina, fruto de suas próprias experiências, que reconhece as mulheres e valoriza seus saberes. Isso é exemplo de como essa autora exaltou e transformou em heroínas viúvas que tiveram que tomar suas próprias decisões e administrar suas terras com sabedoria e justiça (MARTÍNEZ, 2009).

Em A Cidade das Damas, Pizan constrói uma cidade simbólica semelhante à Cidade de Deus, de Agostinho de Hipona, e, conforme constrói seus próprios argumentos, apresenta aos leitores uma cidade perfeita que destaca as virtudes das mulheres do passado. O livro, dividido em três partes, tem quarenta e oito capítulos na primeira parte, sessenta e nove na segunda e dezenove na terceira. A autora dedica o primeiro capítulo a narrar o propósito dessa obra e como ela surgiu:

> Perguntava-me quais poderiam ser as causas e motivos que levavam tantos homens, clérigos e outros, a maldizer as mulheres e a condenar suas condutas, em palavras, tratados e escritos. Isso não é questão de um ou dois homens, nem mesmo só deste Mateolo, – a quem não incluiria entre os sábios, pois seu livro não passa de uma gozação; mas, pelo contrário, nenhum texto está totalmente isento disso. Filósofos, poetas e moralistas – e a lista poderia ser bem longa – todos parecem falar com a mesma voz, para chegar à conclusão de que a mulher

> é profundamente má e inclinada ao vício. Com essas coisas sempre voltando insistentemente à minha mente, pus-me a refletir sobre a minha conduta: eu, que nasci mulher; pensei também em outras tantas mulheres com quem convivi, tanto as princesas e grandes damas, quanto as de média e pequena condições, que quiseram confiar-me suas opiniões secretas e íntimas; procurei examinar, na minha alma e consciência, se o testemunho reunido de tantos homens ilustres poderia ser verdadeiro. Mas, pelo meu conhecimento e experiência e por mais que examinasse profundamente a questão, não conseguia compreender, nem admitir a legitimidade de tal julgamento sobre a natureza e a conduta das mulheres (PIZAN, 2012).

Na sequência a essa triste reflexão, são apresentadas às três interlocutoras principais da obra: os arquétipos da Razão, Retidão e Justiça, que representam e personificam a autoridade feminina. As virtudes constroem uma cidade alegórica em diálogo com Christine, apresentando ao leitor um compilado de narrativas e histórias de diferentes mulheres — figuras históricas e mitológicas que comprovam a autoridade e potencialidades femininas.

Na primeira parte, Razão apresenta os materiais necessários para construir as muralhas da cidade, quais sejam, os testemunhos de mulheres como: Semiramis, Amazonas, Rainha Fredegunda, Ceres, Artemis, Gaia, Proba, Safo, Minerva etc. Assim, Pizan trata do porquê de os homens difamarem as mulheres, questionando obras como *De secretis mulierum,* e suas colocações sobre os defeitos nas características físicas do corpo feminino. Outro tema são as proibições e restrições que a sociedade impôs às mulheres. Christine questiona o porquê de as mulheres serem excluídas do sistema judicial, ou não poderem ocupar cargos relevantes no governo e no exército (MARTÍNEZ, 2009).

Já na segunda parte, a Retidão é a principal interlocutora e, conforme ela constrói as edificações da cidade, Christine aborda temas como o amor pelos filhos, a castidade, o amor conjugal, mas principalmente a fidelidade do amor feminino. Usando mais de setenta exemplos de mulheres tanto da antiguidade grega-romana como contemporâneas a ela, fala em defesa do casamento e da educação feminina. Pizan construiu vários argumentos sobre o papel que as mulheres tiveram na ciência e nas letras de forma a combater os homens que impediam e afirmavam que elas não deveriam estudar (MARTÍNEZ, 2009).

Por fim, a terceira parte cabe à Justiça, que apresenta as mulheres que são as residentes desta cidade utópica. As histórias de vida dessas santas são os exemplos femininos nessa última parte da obra. Pizan elabora, a partir do exemplo de figuras como Ruth, Sara, Rebeca,

Rainha Branca, Santa Catarina, Santa Lúcia e a Virgem Maria, um argumento que atesta e comprova a capacidade feminina, além de fazer uma denúncia à situação desigual das mulheres na ordem social e incentivar um protagonismo ativo delas no que diz respeito ao trabalho, aos estudos e ao seu destino (RODRIGUES e SILVA, 2018 e DEPLAGNE, 2020).

> A Cidade das Damas como obra-chave da Querela das Mulheres é o argumento definitivo e decisivo para deixar de dar crédito ao saber masculino, saber que calunia todo o sexo feminino sem exceção, um saber arrogante e presunçoso. Ou seja, negando a autoridade masculina, a "autoritas" que os homens haviam assumido e exercido hegemonicamente, e acreditar em si mesma, autorizando sua voz e experiência como fonte de conhecimento. Se autorizar, pois não há "saber sem autoridade", como diz Luisa Muraro (2000:13), Christine decidiu falar e agiu porque, como ela mesma diz, havia chegado a hora de as mulheres falarem, era hora de colocar um fim a esta situação de difamação, desprezo, desvalorização e condenação da natureza feminina (MARTÍNEZ, 2009).

1.4 Livro das Três Virtudes, sábios conselhos para o dia a dia

Em 1405, Christine de Pizan escreve uma continuação para A Cidade das Damas, obra que funciona como manual prático dos ideais apresentados no primeiro livro. *Le livre des trois vertues ou Le trésor de Christine* — O Tesouro da Cidade das Damas ou Livro das Três Virtudes — segue uma tradição de manuais de educação, espelhos de príncipe, e por meio dos conselhos presentes na obra, a autora combate a inferiorização da natureza feminina bem como incentiva as mulheres a serem protagonistas ativas onde estiverem e a buscarem autoridade.

Cabe ressaltar que O Tesouro da Cidade das Damas ou Livro das Três Virtudes não foi o primeiro trabalho da autora dedicado ao ensino. *L'Epistre d´Othea*, escrito em 1401, é uma carta da deusa Prudência ao jovem Heitor de Tróia, e *Enseignements et proverbes moraux* foi dedicado ao seu próprio filho Jean de Castel, membro da proeminente corte de Carlos VI (SCHMIDT, 2021). Ambos se encaixam perfeitamente no estilo literário de espelho de príncipe, em que, mediante reflexões políticas e filosóficas, ensina-se a governar (DEPLAGNE, 2020).

O Livro das Três Virtudes é um exemplo revolucionário dentro do estilo literário de espelhos, agora dedicado a rainhas e princesas. É um guia prático de cortesia e vivência, escrito para mulheres lidarem com o seu dia a dia, sejam elas figuras de autoridade ou

camponesas comuns, casadas ou viúvas, freiras ou prostitutas. A inovação dessa obra não está só em ser um espelho de princesas, mas em apresentar suas argumentações considerando as diferenças sociais.

O Tesouro da Cidade das Damas traz relatos claros e concretos sobre a vida cotidiana das mulheres do século XV: uma mulher escreve para mulheres sobre mulheres. Com conselhos práticos, a autora ensina sobre administração e autoridade. A obra, assim, tem um importante papel nesse movimento literário que resgata a história de mulheres modelos da antiguidade.

Como afirma Gizelda Lima:

> É importante pensar que a *Querelle des Femmes* pode ser considerada a principal responsável pelo novo discurso assumido nos espelhos de príncipe em defesa e valorização do feminino. Até pouco tempo, antes desse movimento, esses espelhos eram influenciados pela filosofia aristotélica, principalmente no século XIII com as traduções e estudos realizados pelos árabes. Podemos dizer que Christine de Pizan exerceu um importante papel na construção de um discurso de valorização e exaltação da imagem das mulheres. A partir desses escritos, foram divulgados os nomes de mulheres importantes da antiguidade clássica, da Bíblia e também das rainhas e princesas contemporâneas a esses autores (LIMA, 2019).

A Querela das Mulheres foi responsável por essa ebulição de discursos acerca do lugar da mulher, de suas capacidades e de seu direito de aprender. Christine de Pizan fala firmemente em favor desse direito ao estudo e defende as capacidades femininas, afirmando que as mulheres devem ter acesso à educação (FERRARO, 2021).

Além disso, a obra O Tesouro da Cidade das Damas, em seus conselhos cotidianos e realistas, ensina as mulheres a terem autoridade. Christine inaugura um novo discurso quanto às mulheres e fala contra o silenciamento feminino que a Querela debateu, fala contra a misoginia e fala contra o impedimento de as mulheres terem uma educação. Com seus trabalhos, cria uma nova identidade feminina, uma identidade de mulher sábia, virtuosa, que sabe administrar seus bens e que reconhece sua própria autoridade (MARTÍNEZ, 2009).

Capítulo 2 — O tesouro da Cidade das Damas entre *espelho*s e *exemplas* de educação feminina

No segundo capítulo, falaremos sobre a obra central deste trabalho, O Tesouro da Cidade das Damas ou Livro das Três Virtudes[1], e como ela influenciou a educação feminina. Escrito em 1405, o livro é um manual de educação — um espelho de princesa dedicado a ensinar as mulheres a serem sábias e virtuosas, mas também a terem autoridade e autonomia sobre suas vidas e posses.

Não é arriscado afirmar que a grande parte das mulheres do século XV não eram letradas, bem como os homens, ou que apenas uma pequena parcela possuía algum nível de leitura, que no caso se referia às Escrituras Sagradas; no que diz respeito à escrita, esta servia para pequenas correspondências. Entretanto, com o crescimento das cidades, ler tornou- se essencial no que diz respeito à administração de negócios e bens. Christine de Pizan e muitas outras escritoras reconheciam o papel da leitura como algo que lhes permitia autonomia e aprenderam a utilizá-la; mas sobretudo se dedicaram a ensinar a outras mulheres a importância de administrarem seus bens e vidas com virtude e autoridade (LONG, 2021).

Assim, da mesma forma que no primeiro capítulo foi importante falar do processo de educação que a autora Christine de Pizan teve, neste segundo capítulo é essencial falar de como era a educação medieval, em especial a educação das mulheres nesse período em que Christine de Pizan escreve O Tesouro[2]. A obra de Pizan se enquadra em dois diferentes gêneros literários: espelho e *exempla* que serviam como manuais, tratados e sermões cuja finalidade era a educação. Christine usa esses gêneros para ensinar as mulheres considerando a realidade social em que viviam.

2.1 A Educação Feminina

No que diz respeito à educação, as diferenças sociais eram um divisor de águas. Os filhos da nobreza possuíam tutores para os mais diferentes aspectos de sua formação desde muito

[1] A partir deste momento se refere ao livro O Tesouro da Cidade das Damas ou Livro das Três Virtudes apenas como "O Tesouro".
[2] Abreviação do título O Tesouro da Cidade das Damas ou Livro das Três Virtudes.

cedo, enquanto as crianças comuns eram educadas por seus pais quanto à profissão e em raras ocasiões aprendiam a ler e a escrever. Conventos e igrejas também podiam ser espaços de educação com turmas separadas entre meninos ou meninas ou mesmo mistas (LEITE, 2015).

Quanto à literatura de formação e educação, para a maioria dos autores, no que diz respeito à formação feminina, valorizava-se os conhecimentos práticos de cuidado da casa e criação dos filhos. Muito do que se ensinava às meninas era passado de forma oral por mulheres mais velhas, elas aprendiam com as mães, avós ou tutoras. Há também exemplos concretos de mulheres com apurada formação, para citar alguns poucos exemplos: Rosvita de Gandersheim, Dhuoda de Septimânia, Leonor de Aquitânea, sua filha Marie de Champagne, Heloísa de Argenteuil, Marie de France, Hildegarda de Bingen.

Entretanto, havia uma compreensão geral de que as mulheres eram inferiores intelectualmente, incompletas e precisavam de tutoria quanto a questões morais para não se renderem aos vícios de sua natureza. Assim, que grande parte da literatura dedicada à educação nos séculos XII e XIII possuía algum capítulo dedicado às mulheres ou afirmasse que seus ensinamentos eram para ambos meninos e meninas estava voltada paras questões morais e religiosas.

A obra *Le miroir des bonnes femmes,* do século XIII, cujo escritor anônimo faz uma coletânea na qual narra as histórias de diversas mulheres virtuosas é um bom exemplo de formação feminina que considerava apenas os aspectos da moral religiosa. *Le miroir des bonnes femmes* dialoga com as mulheres nobres e usa da narrativa de *exempla* para relatar histórias curtas de forma a prender a atenção dos ouvintes. Como os livros eram raros na época, era comum que a educação se desse com o professor recitando oralmente seus ensinamentos (LEITE, 2015).

Entendia-se a mulher como pouco confiável uma figura sedutora de forma que a conduta feminina devia ser tutorada por um homem. Para os clérigos, a boa educação às mulheres devia seguir o exemplo de virtude de Maria ou o arrependimento de Madalena (SANTOS, 2021) de forma que a temática era recorrente. Com o impedimento de frequentarem as universidades, a formação cultural das mulheres era feita de outra maneira, nas instituições onde viviam, como monastérios e conventos, nas escolas frequentadas pelas laicas e do frutífero contato com outras mulheres em espaços sociais que lhes permitia a troca de saberes transmitidos em conversas, cartas, cantigas, além de textos literários diversos.

Esperava-se que a educação feminina fosse unicamente prática em detrimento de uma educação intelectual dedicada à leitura e reflexões filosóficas, mas os espaços citados como conventos e mosteiros permitiam às mulheres mais liberdade para transitar e debater questões de fé e moral, oferecendo maior liberdade intelectual do que nos espaços públicos. Contudo com a consolidação das cidades, a participação feminina gradativamente se tornou mais comum nos espaços domésticos e de comércio popular no que diz respeito ao trabalho cotidiano, que muitas vezes era tido como masculino (SANTOS, 2021). Leite (2015) também relaciona a entrada das mulheres em espaços mais masculinos à peste negra que, ao matar muitos homens, provoca a necessidade da atuação feminina nos espaços antes ocupados por eles.

Christine de Pizan aproveita esse momento social com seu protagonismo na defesa das mulheres dentro dos debates da Querela. Ela escreve o primeiro manual de educação feminina que não se destina apenas a conselhos morais para suprimir os vícios da natureza perniciosa feminina ou trata unicamente de questões práticas para a educação dos filhos e não das próprias mulheres. Quando escreve O Tesouro, ela naturalmente fala da administração do lar, mas fala da perspectiva feminina. Uma mulher falando às mulheres sobre mulheres. Como uma mulher de seu tempo, não deixa de ter uma perspectiva religiosa quando apresenta sua proposta de educação feminina. Pizan fala da moral cristã e da importância de saber ler as Escrituras Sagradas, mas:

> A autora prega uma educação intelectual para as meninas igual àquela dada aos meninos. Esse é o principal diferencial dos textos dessa escritora em relação aos textos de seus contemporâneos: ela se inspira nos textos de autores homens escritos para as mulheres, porém prescreve às mulheres uma formação até então destinada só aos homens (LEITE, 2015).

2.2 Espelhos, uma reflexão sobre o ideal na educação medieval

Tratados de educação, manuais de etiqueta e livros de política comumente conhecidos como *miroirs de prince* ou *speculum principum* — espelhos de príncipe — se tornaram muito comuns durante grande parte da Idade Média. Como o nome indica, a maioria da produção literária que se enquadram nesse gênero se dedicava à educação de homens — príncipes — visando formá-los para se tornarem espelho de virtude. Esse gênero literário tem por finalidade a construção de um ideal moral de forma que os espelhos de príncipes na sua

grande maioria, descreviam o monarca perfeito, suas virtudes, sua moral e, sobretudo, como ele agia no mundo ao governar seguindo os mandamentos de Deus (PEREIRA, 2019).

A obra de Dhuoda "A Educação Cristã de Meu Filho" escrita no século IX e destinada ao seu filho Guilherme, é um importante exemplo de espelho, principalmente num contexto em que mulheres eram excluídas desse gênero literário, já que a maioria dos livros eram escritos por homens. Dhuoda foi a primeira mulher a escrever um manual de educação, e sua obra se tornou um verdadeiro tratado teológico e moral que apresenta sua proposta pedagógica quanto a melhor forma de ensinar ao filho virtudes e valores. Esse manual se diferencia dos espelhos escritos por homens, considerando que:

> Os espelhos eram sobretudo obras de espiritualidade escritas por clérigos para leigos. Daí a extrema originalidade de Dhuoda, uma mulher, leiga, e mais: uma mãe escrevendo para seu filho. Original também é o caráter pessoal e autobiográfico que Dhuoda imprime ao livro, que não se reduz a um tratado de moral ou espiritualidade (LAUAND, 1986).

Dhuoda escreve para seu filho Guilhermo, que não foi um príncipe, mas ela, como mãe, queria formá-lo nos melhores moldes dos espelhos e de seus ideais morais. Ela escreve seu livro quase como um substituto para a maternidade que o marido não permite que ela exerça. Em sua obra, percebe-se que Dhuoda escreve como uma mãe que quer que seus filhos sejam felizes, o que tornou difícil expressar qualquer reivindicação de gênero; depois a vemos escrevendo como uma nobre, com certos interesses e responsabilidades relativos à sua classe (RIVERA, 2011).

O manual "A Educação Cristã de Meu Filho" consiste em conselhos e valores que Dhuoda entende que seu filho, como homem nobre, deveria possuir. Esses valores têm como principal finalidade dedicar o devido respeito a Deus para assim ser fiel ao seu pai e à família paterna, e depois ser fiel ao seu rei como membro da nobreza. (OLIVEIRA e VIANA, 2017). Quando Dhuoda escreve ao filho, ela se responsabiliza pela educação dele, mesmo à distância, como afirma na introdução da obra:

> À maioria das mães deste mundo é dado o desfrutar da proximidade de seus filhos, enquanto eu, Dhuoda, estou tão longe de você, meu filho Guillermo, e, portanto, cheia de ansiedade e desejo de ser útil a você. É por isso que estou lhe enviando este livreto escrito com meu nome, para que você possa lê-lo e se educar; Ficarei feliz se, embora fisicamente ausente, precisamente este livrinho

> o faça pensar, ao lê-lo, no que deve fazer de acordo com minhas instruções (DHUODA, 1995).

Os espelhos, que antes apenas assumiram esse papel pedagógico na educação de um príncipe e consequentemente na criação de um monarca virtuoso, gradativamente se popularizaram na educação não só de príncipes ou futuros monarcas, mas na educação da alta sociedade e da corte, como é o exemplo de "A Educação Cristã de Meu Filho". Entretanto, mesmo sendo uma literatura moralizadora quanto a questões sociais, religiosas, filosóficas e políticas, esses manuais de educação — espelhos de virtude — não incluíam as mulheres (MENDONÇA, 2013).

Os espelhos de princesas só surgiram no século XV conforme a educação feminina se tornava tema de importantes debates sociais. Christine de Pizan viria a escrever o primeiro tratado de educação feminina com a publicação de O Tesouro em 1405, livro que viria a ser conhecido como *O Espelho de Christina* por oferecer às mulheres orientações realistas quanto à vida cotidiana, mas sobretudo por dar conselhos que as tornassem verdadeiros espelhos de virtude femininos (MENDONÇA, 2013).

Pizan, em sua obra, mantém a tradição dos espelhos de dar orientações, à luz das Escrituras Sagradas, que estavam voltadas à busca da moral, virtudes, sabedoria e justiça. Para Christine, assim como para a maioria dos autores desse gênero literário que vieram antes dela, ensinar sobre governar está diretamente ligado a aprender a submeter-se a Deus (LEITE, 2015). Podemos perceber esse aspecto no livro O Tesouro quando é iniciado diálogo entre a autora e os arquétipos femininos das três virtudes: Razão, Retidão e Justiça que vêm da parte de Deus para ensinar às mulheres, por meio da pena de Christine, lições de sabedoria. No início do livro temos a fala das virtudes, dirigida a Christine:

> Pegue sua pena e escreva. Bem-aventurados os que vivem em nossa cidade para aumentar o número de cidadãos virtuosos. Que todo o colégio feminino e sua devota comunidade sejam informados dos sermões e lições de sabedoria. Em primeiro lugar às rainhas, princesas e grandes senhoras, e depois, descendo a escala social, entoaremos a nossa doutrina às demais damas e moças e todas as classes de mulheres, para que o programa de nossa escola seja valioso para todos (PIZAN, 2003).

Essas obras, cujos temas eram a sensibilização moral e conselhos para uma boa educação, estavam presentes em toda a Idade Média e para além dela, vindo de uma tradição greco-romana. Como afirma Lucimara Leite (2015) os manuais de educação "espelhos de príncipe" não se propunham a trabalhar a educação apenas de forma idealizada, mas sim a refletir a realidade da época. Christine de Pizan traz um novo olhar aos espelhos quando escreve sobre o cotidiano das mulheres e dá conselhos de como viver seu dia a dia com base na realidade social delas, não só com base nos status matrimoniais.

Obviamente Pizan não foi a única a falar da educação feminina. Numa perspectiva mais religiosa do que política, temos os exemplos de Marguerite Porete (1250-1310) que escreveu, no início do século XIV, *Miroir des simples âmes anéanties* retratando a mística feminina; Durand de Champanhe a qual escreveu para a rainha da França *Seculum dominarum ou Miroir des dames* e Watriquet de Couvin que escreveu, por volta do anos 1319 e 1329, um poema a esposa de Charles IV, chamado *Miroir des dames* (LEITE, 2015).

Lima (2019) afirma que, Pizan inova quando escreve seu espelho de princesa numa época em que os manuais que existiam apenas colocavam a figura feminina como coadjuvante no governo de um reino ou na gestão de sua casa, ignorando a possibilidade de mulheres virem, sim, a governar e a assumir o trono. Em sua obra mais conhecida, Cidade das Damas, Christine de Pizan resgata a história de rainhas, como Artemisa, Branca, Fredegunda e muitas outras que assumiram o protagonismo em seus governos.

2.3 *Exemplas* de virtudes cotidianas

O Tesouro não é só um *miroirs* destinado à princesas e aos nobres, ele é também um *exempla.* Outro gênero literário utilizado na Idade Média de forma muito didática por meio do qual, mediante pequenos sermões, ensinam-se virtudes. Em sua maioria, esses sermões eram transmitidos à comunidade oralmente com o objetivo de ensinar modelos de comportamento a partir das Escrituras Sagradas, conforme o seguinte comentário:

> Deve-se lembrar que o *exemplum* medieval, pelo que as pesquisas nos mostram, não se refere nunca a uma personagem, mas a uma narrativa, uma história a ser tomada em seu conjunto como um objeto, um instrumento de ensinamento e de edificação. O importante, nos *exempla* medievais, é destacar a virtude de comportamento presente nessas histórias, e não o personagem heroico (LEITE, 2015).

Os *exempla* têm como objetivo moldar o comportamento do seu público alvo, geralmente formado de pessoas comuns, como camponeses ou pessoas simples da cidade e, por isso, privilegiam narrativas curtas e sucintas. Consequentemente, esse gênero literário apresenta fortes traços da cultura da época e das mudanças sociais. Como esse gênero também se preocupava com ensinamentos morais, ele poderia, junto aos espelhos, compor um único gênero comum. Escritos em língua materna, eles possuíam maior alcance, já que a maioria dos ouvintes não sabia o latim (LEITE, 2015).

O Tesouro torna-se um *exempla* quando Christine de Pizan não tem só mulheres nobres ou da burguesia ascendente como foco de sua obra, a terceira parte do livro é toda dedicada às mulheres mais simples, como as comerciantes, lavradoras e camareiras, sejam elas jovens ou anciãs, solteiras ou viúvas. A autora dedica-se a falar com cada uma dessas diferentes mulheres e lhes dá exemplos concretos de como viver o dia a dia e enfrentar as dificuldades da realidade social em que se encontram.

Até o século XII e XIV, os *exempla* eram um texto majoritariamente oral para pregações, mas gradativamente assumem um caráter literário que ainda mantinha seu foco no zelo cristão, incentivando uma vida virtuosa segundo os preceitos de Deus. Seu objetivo era sempre conduzir seus leitores a praticar a moral religiosa cotidianamente. Quando os *exempla* passaram a ser usados por moralistas e professores, esse gênero literário assumiu uma abordagem mais negativa ao narrar como não agir. E, quando eles deixaram de ter apenas uma função dentro de sermões, adquiriram um propósito próprio e independente (LEITE, 2015). Os *exempla* dedicados às mulheres surgem antes do que os *espelhos* dedicado a elas. Eles exaltavam as figuras femininas presentes nas Escrituras Sagradas que agiram segundo a moral e a virtude, incentivando que seu exemplo fosse seguido. De forma que:

> Entre os séculos XV ao XVII, os moralistas utilizaram os *exempla* em seus textos para construir os modelos morais femininos. As mulheres que aparecem nesses textos são quase sempre as mesmas, o que diferencia é o valor atribuído à imagem dessas por seus autores, já que o mesmo *exemplum* pode assumir um valor negativo ou positivo, um vício ou uma virtude a depender do ponto de vista do autor sobre o comportamento dessa mulher (LIMA, 2019).

Em A Cidade das Damas, Christine de Pizan usa o gênero *exempla* para construir sua cidade alegórica, principalmente quando rememora a história de mulheres fortes que souberam viver suas vidas, também a defesa política da capacidade feminina, se utiliza de

exemplos de virtude e moral para seus leitores. No Tesouro, Pizan, assim como na obra anterior, valoriza o exemplo de mulheres, agora não recontando sua história como faz em A Cidade das Damas, mas enfatizando a defesa da educação feminina. Ela, ao longo de cada parte do livro, educa suas leitoras e leitores ao narrar exemplos práticos do dia a dia, considerando as diferentes realidades e classes sociais das mulheres. Com o foco moral e a valorização das virtudes segundo os preceitos cristãos, o livro enquadra-se tanto no gênero de espelho, por ensinar princesas e nobres da corte a governarem suas casas, quanto no gênero de *exempla* por ensinar mulheres simples e comuns a administrarem suas vidas.

Os ensinamentos passados para as mulheres de diferentes classes sociais são feitos, como já dito, a partir do diálogo com os 3 arquétipos de virtudes vindos da parte de Deus: Razão, Retidão e Justiça. Esses três arquétipos femininos junto com o maior deles, que seria a personificação da Prudência, criam a Escola das Damas e ensinam as mulheres como viverem na sociedade, que não é o ideal utópico criado em A Cidade das Damas.

Ao longo de O Tesouro, as virtudes falam sobre o caminho correto de uma princesa temente a Deus, dão conselhos sobre a soberba para grandes senhoras, dão instruções para moças e mulheres mais velhas quanto à importância da virgindade, falam de qual o comportamento correto que uma dama deve ter dentro das ordens religiosas e advertem as mulheres como não agirem frente aos empecilhos que muitas vezes são criados pela visão distorcida dos homens quanto ao sexo feminino.

Christine de Pizan, em O Tesouro, apresenta um projeto de educação que é uma continuação prática do que ela já havia falado no seu livro anterior. Assim, a prioridade do espelho de princesa de Pizan, com sua natureza de *exempla*, está em educar diferentes tipos de mulheres segundo os valores cristãos, dentro da realidade em que elas vivem.

Capítulo 3 — O Tesouro que Christine presenteia às mulheres

O Tesouro foi dedicado à duquesa de Guyenne, Margarida de Borgonha[3]. Segundo Charity Willard (1963), existem cerca de vinte manuscritos catalogados da obra em francês, realizadas em três edições: 1497, 1503 e 1536. Existiram quatro períodos de maior popularidade dessa obra: o primeiro quando a autora ainda era viva e suas obras recebiam edições de luxo ricamente decoradas; o segundo, no século XV, com edições feitas a partir dos manuscritos da corte de Borgonha; o terceiro, no século XVI, em Paris; o quarto, a partir de 1883, quando a obra foi redescoberta (WILLARD, 1963).

O Tesouro foi traduzido para o português, primeiro em 1447, a pedido da rainha D. Isabel recebendo o título de *O Espelho de Cristina* e depois, em 1518, a pedido da rainha D. Leonor (LEITE, 2015). As traduções para o português foram feitas a partir do manuscrito presenteado à Isabel de Borgonha, que permanece preservado na Biblioteca Nacional de Madri (LIMA, 2019).

Segundo Laura Jean (1989), oito das vinte e uma cópias existentes de O Tesouro, escritas no século XV, são ilustradas, Christine de Pizan gostava de ter seus volumes ilustrados, tendo supervisionou pessoalmente a produção dessas ilustrações, escolhendo uma a uma delas para cada um de seus textos. Anastaise foi a única artista mulher que ela menciona pelo nome e a quem ela elogia como "dotada e hábil na pintura de bordas de manuscritos e fundos em miniatura" (DUFRESNE, 1996).

Essa diversidade de edições e publicações de O Tesouro mostra a popularidade de seu conteúdo e a difusão entre leitores principalmente mulheres da nobreza, aristocracia e pessoas mais abastadas das cidades que tivessem recebido alguma educação (SONSINO, 2019). O conteúdo dessa obra de Christine de Pizan se torna relevante ao considerar-se que a grande maioria dos escritos direcionados à educação feminina era restrita às questões familiares e

[3] A duquesa era filha de João I, duque de Bourgogne, e irmã de Filipe III, que se casou com Isabel de Portugal. Ela nasceu em 1393 e casou-se com o herdeiro da coroa francesa em 1396, mas com a morte do primeiro marido em 1401, casou-se com Louis de Guyenne em 1403. Em 1415, tendo ela em torno de 22 anos, Louis vem a falecer, Margarida, então com 30 anos, casou-se pela terceira vez com o conde Arthur de Richemont em 1423, vindo a falecer em fevereiro de 1442.

domésticas — voltada para seu papel na educação dos filhos — e não para a própria formação intelectual das mulheres.

O Tesouro, em cada uma de suas partes, considera a realidade do cotidiano feminino e a misoginia que as afetava, propondo uma educação para elas. Sendo que de acordo com Maria de Lourdes Crispim:

> Em *O Livro das Tres Vertudes*, além dos conselhos às mulheres, Christine de Pizan, desenha, em certos passos, autênticos quadros do quotidiano medieval. Ao descrever as situações concretas para as quais são enunciados os fundamentos doutrinais e os preceitos de comportamento que propõe, a autora fornece-nos, a nós, leitores de hoje, uma sucessão de imagens dos costumes e das relações entre as diversas categorias de actores sociais que assume o valor de uma verdadeira galeria de tipos a que não faltam traços psicológicos e psicossociológicos (CRISPIM 2002 apud LIMA, 2019).

Assim, O Tesouro se torna mais do que uma continuação de uma visão utópica que Christine usa para construir a Cidade das Damas. A autora ultrapassa um papel de historiadora, que retomou a genealogia histórica de mulheres do passado, como faz no livro A Cidade das Damas, para assumir um papel de conselheira e educadora (DUFRESNE, 1996). Com O Tesouro, Pizan, não descreve um local ideal de refúgio para proteger as mulheres da misoginia, mas as educa sobre como agir dentro das realidades que a sociedade impunha.

3.1 Autoridade, Fidelidade e Liberdade feminina

Como afirma Laura Jean (1989), o propósito de Pizan, ao escrever O Tesouro, é prático e didático. É possível identificar, ao longo do livro, diversos capítulos em que, seus conselhos e ensinamentos, Christine de Pizan confere autoridade às mulheres medievais. Essa autoridade é conceituada por Nuria Benito como prática ligada à capacidade de trazer ordem, de fazer crescer *augere*, sendo, assim criadora de uma ordem simbólica (BENITO, 2006). Entendendo que Nuria trabalha esse conceito de autoridade vinculado à memória oral, ele também pode ser facilmente aplicado na escrita de Christine de Pizan quando consideramos que:

> Trata-se de uma memória ligada à palavra escrita que registra acontecimentos, atividades, escrita vinculada ao poder e às instituições, em sua função básica de documentar, registrar [...]. O estudo dos usos da escrita também pode esclarecer, seguindo de perto a tese de Armando Petrucci e as contribuições recentes da chamada história da cultura escrita, a história das formas de exercício do poder e a das diferenças socioculturais. Nesse sentido, o poder determina direta ou

> indiretamente a função da escrita em uma sociedade, tanto em relação ao tipo de produto escrito quanto ao tipo de mensagem que é transmitida; condiciona, geralmente indiretamente, a extensão e a natureza do uso social da escrita e, portanto, da alfabetização de seus sujeitos; esse mesmo poder utiliza a escrita para produzir mensagens gráficas destinadas a transmitir mensagens à sociedade, propagar a própria imagem e perpetuar a memória de si ao longo do tempo (BENITO, 2006).

A escrita na Idade Média está diretamente vinculada à memória e à oralidade, como vimos no segundo capítulo, com o caso dos *exempla*. Observa-se o papel que Christine de Pizan teve na Querela das Mulheres ao reconhecer a autoridade feminina a partir dessas memórias de mulheres. Quando Pizan escreve A Cidade das Damas é através da autoridade dada às figuras alegóricas da Razão, Retidão e Justiça, que a autora constrói um lugar para as mulheres, uma cidade separada dos homens e seu poder formado a partir de ideais patriarcais e misóginos (BENITO, 2006). Christine faz o mesmo ao escrever O Tesouro, quando ela reconhece a autoridade das três virtudes, ao tempo reconhece a sua própria autoridade e a das mulheres que seguem os conselhos que ela tem a ensinar.

O conceito de autoridade feminina de Nuria Benito conversa com o de Fidelidade Feminina de Milagros Rivera, ao afirmar ser através dessa fidelidade que as mulheres medievais adquirem liberdade. Uma liberdade que é relacional, ou seja, é dada e reconhecida a partir das redes de relação que as mulheres constroem, quer seja umas com as outras ou com instituições como igreja e corte (espaços em que o poder masculino era mais abrangente). Considerando, que a sociedade feudal era baseada no relacionamento e na fidelidade, essa fidelidade proporcionou liberdade e consequentemente autoridade às mulheres. Pois o feudalismo levou para o mundo fora da casa a forma da política feminina de governar no espaço doméstico, ou seja, um governo baseado na fidelidade e nas relações (RIVERA, 2011).

Para Dufresne (1996), em O Tesouro, Christine afirma que a Prudência é a maior virtude que uma mulher pode cultivar. As três virtudes Razão, Retidão e Justiça atuam como instigadoras, estimulando Christine a usar seu intelecto para pensar e escrever a verdade sobre as mulheres. É a alegoria da Prudência que funda a Escola das Damas e é nessa escola que cada um dos conselhos descritos no livro são ministrados.

Assim, O Tesouro ensina como diferentes classes de mulheres podem ter autoridade e autonomia em seu cotidiano. A primeira parte do livro é dedicada à educação, boas maneiras

e responsabilidades das princesas e rainhas. Na segunda as virtudes falam dos deveres e comportamentos que as grandes senhoras da nobreza deviam ter na corte e em suas propriedades. Na terceira parte do livro, a Prudência se dedica a ensinar as mulheres mais simples.

3.2 Autoridade para Princesas

A primeira parte do livro O Tesouro, com seus 27 capítulos, destaca as classes de mulheres mais abastadas. Considerando que o livro foi dedicado à Margarida de Borgonha, faz sentido que os conselhos e questões de educação abordados sejam mais extensos e detalhados. O Isso, consequentemente, fez a obra atrair o interesse da corte de Borgonha, depois o da corte francesa e, mais tarde, o da corte portuguesa (SONSINO, 2019).

Nessa primeira parte do livro, Pizan aconselha as mulheres a manterem uma boa relação com membros do conselho real, também com o povo, exercendo seu papel político na corte, um ambiente hostil às mulheres. Todos os ensinamentos descritos na obra vêm da parte das três virtudes, de forma a educarem rainhas, princesas e grandes senhoras da corte acerca da realidade em que estavam inseridas, em um ambiente de poder e disputa, a fim de desenvolverem laços de amizade e alianças.

O primeiro trecho em que o conselho dado pela autora busca promover autoridade feminina faz parte do capítulo nove com o título “Como a boa e sábia princesa usará de todos os seus esforços para restabelecer a paz entre o príncipe e os barões se houver alguma discórdia”, transcrito a seguir:

> Se algum príncipe vizinho ou estrangeiro quiser por qualquer motivo entrar em guerra com seu marido, ou se seu marido quiser entrar em guerra com outro, a boa dama considerará isso com cuidado, tendo em mente os grandes males, crueldades, destruição, massacres e prejuízo ao país que resulte da guerra; o resultado é muitas vezes terrível. Ela ponderará muito se pode fazer algo (sempre preservando a honra de seu marido) para evitar essa guerra. Nesta causa ela desejará trabalhar e refletir com cuidado, chamando Deus em seu auxílio, e dando bons conselhos ela fará tudo o que puder para encontrar um caminho de paz. [...] Uma vez que a boa dama tiver essas coisas em mente ela sentirá pena da destruição do povo, ela deseja trabalhar para promover a paz. Ela incentivará seu marido, o príncipe, e seu conselho a considerar cuidadosamente este assunto antes de empreendê-lo, em vista do mal que

> poderia resultar disso. [...] A boa princesa será sempre o meio de paz até onde puder, [...] Este trabalho é o dever próprio da rainha e da princesa sábias: ser o meio de paz e concórdia, trabalhar para evitar a guerra por causa dos problemas que podem advir dela. As damas, em particular, devem cuidar desse negócio, pois os homens são por natureza mais corajosos e mais impetuosos, e o grande desejo que eles têm de se vingar impede que eles considerem os perigos ou os males que podem resultar da guerra (PIZAN, 2003).

Nesses três excertos extraídos do capítulo nove, identificam-se a capacidade e a autoridade que princesas e rainhas devem reivindicar. Essa autoridade que surge a partir da relação que elas constroem com o próprio marido e com a corte. Na visão de Pizan, a rainha deve exercer um papel político no reino ao agir como conselheira do marido, mantendo as boas relações com os membros do conselho e fazendo tudo que estiver ao seu alcance — sempre preservando sua virtude e seguindo os mandamentos de Deus — para garantir a paz e a vitória da coroa nas decisões a serem votadas em assembleia (LIMA, 2019).

No capítulo dezoito intitulado "O sexto ensinamento: como a princesa sábia manterá em ordem as mulheres de sua corte", Pizan também trata da autoridade de uma princesa, uma autoridade que se constrói a partir das redes de relação que ela tem com outras mulheres da corte:

> Geralmente dizemos [As três Virtudes] a todas as mulheres de todos os países que é dever de toda senhora e dama da corte, seja ela jovem ou velha, ser a mais prudente, a mais decorosa e mais instruída em todas as coisas do que as outras mulheres. As damas da corte devem ser modelos de todas as coisas boas e de toda honra para as mulheres, e se fizerem o contrário, não honrarão a sua senhora nem a si mesmas. [...] Em todas as questões a sábia princesa manterá suas mulheres em ordem, da mesma forma que a boa e prudente abadessa faz com o seu convento, para que não circulem más notícias na cidade, em regiões distantes ou em qualquer outro lugar. Essa princesa será tão temida e respeitada por causa da sua sábia administração que ela será vista e nenhum homem ou mulher será tão temerário a ponto de desobedecer seus comandos em qualquer aspecto ou questionar sua vontade, pois não há dúvida de que uma senhora é mais temida e respeitada e tida em maior reverência quando é vista como sábia, casta e de comportamento firme (PIZAN, 2003).

Uma princesa tem autoridade quando aqueles que estão próximos a ela reconhecem essa autoridade. Nessa primeira parte de O Tesouro, a Prudência dá sete dos ensinamentos principais quanto à educação das princesas, sejam eles para adverti-las das armadilhas da corte e dos homens, para também ensiná-las a exercerem um papel político mediante estratégias e, assim, reclamarem um espaço de voz e privilégio (LIMA, 2019).

Mesmo que nessa primeira parte as relações sociais sejam o grande foco, Christine de Pizan não deixa de mencionar outra questão extremamente prática para a vida dessas mulheres na corte. A sétima lição dada pela Prudência, agora no capítulo dezenove, ensina às mulheres a administrarem suas rendas pessoais. Na educação das princesas, a organização do dinheiro era um dos pontos de advertência e, em sua maioria, dizia respeito à divisão dos gastos domésticos (LIMA, 2019). Logo, por meio da alegoria da Prudência, a autora adverte as princesas sobre a melhor forma de gastar e separar seu dinheiro:

> Esta sábia senhora organizará a gestão dos seus rendimentos da seguinte forma. Ela dividirá os seus rendimentos em cinco. A primeira será a parte que ela quer dedicar à esmola e dar aos pobres. A segunda parte é o seu agregado familiar. Despesas: ela saberá qual é o valor total, se necessário, ela deve descobrir o que é e pedir ao marido que não acerte as contas sem envolvê-la nas transações. A terceira parte é para pagamento de oficiais e servas. A quarta é para presentear estranhos ou outros que sejam particularmente merecedores. E a quinta parte ela guardará e usará quando decidir gastar algo consigo mesma em joias, vestidos e outras roupas. A quantia de cada parte será de acordo com o que ela pode pagar com base em sua renda. Por meio desta regra, ela poderá manter seus negócios em ordem e sem confusão, nem lhe faltará dinheiro para cumprir qualquer um dos itens acima mencionados. Por esta razão, ela precisa ter algum dinheiro previamente reservado, e isso não seria possível se ela tivesse se entregado a gastos e desperdícios pródigos (PIZAN, 2003).

O último tema a ser ressaltado nessa primeira parte é "Sobre conselhos para jovens princesas viúvas", em que Pizan escreve sobre três casos: a princesa que fica viúva sem filhos, a que fica viúva com filhos, mas seu marido não fez a partilha dos bens para cada um deles e, por último, a princesa viúva que tem um filho menor de idade. Christine, depois de dar alguns conselhos sobre a maneira de passar pelo luto e respeitar a memória do esposo, insiste que a princesa viúva:

> Deveria adotar um novo modo de vida, ou poderia prejudicar sua alma e sua saúde, e isso não seria bom para seus nobres filhos, que ainda precisam dela. Esta senhora, assim admoestado pela Razão e pelo Bom Conselho para passar um pouco melhor por esta grande tribulação (PIZAN, 2003).

Terminado esse momento do luto, a princesa deve buscar o testamento do marido e convocar o seu conselho para reforçar os laços de vassalagem e lealdade que existiam previamente ao falecimento do esposo (CORREIA, 2013) tomando para si essa autoridade. No caso da princesa sem filhos, ela deve buscar assumir a administração dos bens, ficando

atenta àqueles antigos servos de seu falecido marido que pretendem enganá-la e, então, ela deverá exigir perante os homens de sua confiança a administração do patrimônio que lhe foi dado como parte do testamento.

No segundo caso em que a princesa tem filhos, mas o falecido marido não fez a partilha nominal em seu testamento, cabe a ela escolher bons conselheiros para fazer a partilha de forma justa, e não criar qualquer desentendimento entre os filhos. No terceiro caso, a princesa assume o governo do reino até que seu filho atinja a maioridade. Nessa parte, Pizan enfatiza a importância da autoridade que essa princesa precisa ter quanto à lealdade daqueles que agora estão sob seu governo.

> Mas se a princesa permanecer viúva enquanto seu filho mais velho ainda é jovem e menor de idade, por acaso uma guerra começar ou contendas entre os barões, por amor ao bom governo ela deve usar sua prudência e seu conhecimento para estabelecer e manter a paz entre eles. Nenhuma guerra contra inimigos estrangeiros poderia ser tão perigosa para ela como está. Portanto, a dama, sendo muito sensata, tendo em mente o mal que pode advir de seus antagonistas, vendo que seu filho ainda é pequeno e jovem, [ela] será uma boa mediadora entre eles com sua conduta prudente e sabedoria de forma que ela encontrar uma maneira de reconciliá-los. Para isso, ela procurará a estratégia mais adequada e fará o possível para negociar com eles com habilidade de bondade, sempre usando bons e leais conselhos (PIZAN, 2003).

Assim, a princesa recém-viúva além de se tornar responsável pela administração dos seus bens e propriedades, deve assegurar o sustento aos seus súditos, mantendo e até alargando a sua lealdade e rede de relações (CORREIA, 2013). Ao final da primeira parte, Pizan afirma que aquelas que seguirem esses ensinamentos das Três Virtudes receberão o paraíso.

3.3 Autoridade para Senhoras Feudais

A segunda parte do livro tem treze capítulos, cujos ensinamentos dedicam-se às damas de companhia nas cortes ou senhoras em suas próprias propriedades fora da corte. Nos oitos primeiros capítulos, Pizan dedica-se a dar conselhos para essas damas de companhia de rainhas ou princesas, ensinando que precisam respeitar e amar suas senhoras, mas sobretudo devem sempre ajudá-las a buscar uma vida de virtude. Uma dama de companhia precisa saber evitar intrigas, não ser invejosa, devendo zelar pela reputação de suas senhoras e ser mulher

leal que sabe respeitar a hierarquia social (LIMA, 2019). Desse modo, os oito ensinamentos são: amar sua senhora; ser observadora quanto às suas maneiras e discursos; evitar amizades masculinas duvidosas; evitar a inveja pessoal; saber como não cometer calúnias; evitar intrigas na corte; não falar mal de sua senhora; e não difamar outras mulheres.

É possível perceber nesses capítulos que os conselhos dados por Christine de Pizan são resultados das próprias vivências da autora e de sua experiência dentro da corte francesa. Gizelda (2019) afirma que a importância da educação de damas de companhia estava na capacidade de elas protegerem suas senhoras de diferentes intrigas da corte de forma que a educação feminina fornecida por Pizan se tornou uma forma de conceder autoridade a essas mulheres e seus conselhos, ou seja, veio a se tornar um instrumento de união entre mulheres — uma forma de criar laços e relações de fidelidade.

O Tesouro traz diversos ensinamentos para toda classe de mulheres, quer sejam princesas ou senhoras feudais. No décimo capítulo da segunda parte, cujo título é "Como senhoras e jovens mulheres que vivem em suas propriedades administram suas casas e feudos", Pizan ensina a importância de as mulheres façam parte da administração de suas propriedades, principalmente na ausência de seus maridos, quer eles estejam na guerra ou na corte. É importante que elas conheçam as leis que lhes cabem para melhor administrarem as terras e funcionários, como destacado no seguinte trecho:

> Convém que tal dama ou jovem senhora seja bem informada sobre as leis relativas a feudos, aluguéis, impostos por diversas causas, e toda espécie de coisas que são da jurisdição do senhorio, de acordo com os costumes da região para que ninguém possa enganá-la. Como há muitos administradores de terras e de propriedades nobres que estão dispostos a enganar seus senhores, ela deve ser bem versada em todos esses assuntos e cuidar deles. Não há nada de desonroso em se familiarizar com as finanças. Ela as verá com frequência e deseja saber como são administradas em relação aos seus vassalos para que não seja enganada. [...] Além disso, ela fará bem em ser uma boa administradora da propriedade e saber tudo sobre o trabalho na terra e em que época deve-se realizar cada etapa da produção. [...] Ela deve certificar-se de que tem bons servos e supervisores nestas funções e não aceitar pessoas que mudam de senhor a cada trimestre, porque isso é um mau sinal. Eles não devem ser nem muito velhos, pois serão preguiçosos e fracos, nem muito jovens, pois estarão sempre brincando. Ela toma cuidado para que eles acordem cedo, mas ela não depende de ninguém para isso, se ela for uma hábil administradora da propriedade (PIZAN, 2003).

Ainda nessa segunda parte do livro, Christine aponta como as constantes guerras concedem às mulheres um espaço de autoridade, que surge, a partir da necessidade da governança e administração das terras durante a ausência dos maridos (LIMA, 2019). Pizan viveu e escreveu suas obras no contexto da Guerra dos Cem Anos (1337 a 1453), o que permitiu que seu trabalho abordasse essas diferentes temáticas de política, direito, estratégias militares, questões morais, religiosas e filosóficas (MARTÌNEZ, 2018). A autora conhecia a realidade em que estava inserida e reconhecia a importância de um manual de educação que ensinasse às mulheres prática diária e virtudes, bem como conselhos que lhes dessem autoridade.

3.4 - Autoridade para Mulheres Comuns

A terceira e última parte, também com treze capítulos, é dedicada às mulheres mais modestas, como freiras, comerciantes, lavradoras e prostitutas. Segundo Gizelda Lima (2019), isso mostra como Christine de Pizan está interessada na educação de todas as classes de mulheres, não se restringindo à nobreza, como era o mais comum nos tratados de educação e espelhos dedicados às mulheres na época. Outra distinção ressaltada nessa obra de Pizan, em comparação aos ensinamentos dedicados ao público feminino, é a separação segundo os diferentes grupos sociais e não ao status social de solteiras, casadas e viúvas — o mais comum em espelhos escritos por homens.

Um trecho nessa terceira parte em que podemos identificar um incentivo da autora quanto à autoridade feminina está no capítulo quatro, que trata "Sobre viúvas jovens e mais velhas":

> A primeira (dificuldade), que já foi mencionada, é que você comumente encontrará quem quer que seja de uma dureza de coração e pouca estima ou piedade. As pessoas que costumavam honrá-la enquanto seus maridos estavam vivos, que eram oficiais ou de alguma alta posição, não são mais muito amigáveis e têm pouca consideração por você. O segundo mal que vos aflige são os vários processos e muitos pedidos de dívidas ou disputas por terras ou pensões. A terceira é a linguagem abusiva de pessoas que, pela natureza das coisas, estão inclinadas a atacá-lo, de modo que dificilmente você pode fazer algo sem que as pessoas encontrem algo para criticar. Portanto, você precisa estar armado com bom senso contra essas pragas e todos os outros que vierem até você. [...] O segundo remédio é que você deve dispor seu coração para ser gentil ao falar e se submeter a todos, para que assim você possa conquistar e abrandar o coração dos malfeitores por meio de súplicas suaves e pedidos

> humildes. O terceiro remédio é ser gentil e humilde no falar, vestir e semblante e considerar como com prudência e sábia conduta você pode se defender e se proteger contra aqueles que estão inclinados a atormentá-lo, injuriar e oprimir; em outras palavras, evite vigorosamente sua companhia e tente não ter nada a ver com eles. Procure ficar perto do seu lar e do seu lar e não se envolva em discussões ou brigas com um vizinho, nem homem nem mulher, nem mesmo com um criado ou camareira. Fale baixinho, mas sempre proteja seus direitos, e fazendo isso e não se associando muito com certas pessoas se você não precisar, você evitará ser ferido e dominado por outras pessoas. [...] Portanto, é necessário que a viúva sensata nestas circunstâncias vá aos advogados mais antigos e experientes, os mais acostumados a pleitear diferentes casos (e não os mais jovens), e explique seu caso a eles e mostre-lhes suas cartas e documentos. Ela deve prestar atenção ao que eles dizem, e não esconder deles nada que possa ter alguma relação com o caso, seja em seu favor ou contra ele, pois eles não podem aconselhá-la senão de acordo com o que ela lhes diz. Então ela deve entrar com seu processo ou resolver amigavelmente de acordo com a opinião deles (PIZAN, 2003).

Mais uma vez, um exemplo de como a liberdade feminina é construída em relação, ou seja, de forma relacional. A literatura de Christine — como autora e escritora medieval — incentiva as mulheres a retomar um espaço que antes lhes era negado, ela exige o direito de ensinar e educar as mulheres a partir das experiências que enfrentavam e viriam a enfrentar. Ela enfatiza a importância de essas mulheres comuns aprenderem e, especialmente, administrarem seus bens e buscarem seus direitos. Pizan naturalmente não propõe uma educação revolucionária nos moldes atuais, ou seja, distante de seu tempo, ela propõe uma educação revolucionária quando ensina as mulheres a lidarem da melhor forma possível com a realidade que lhes é apresentada.

Pizan dirige-se, assim, às mulheres dos artesãos:

> Todas as esposas de artesãos devem ser muito cuidadosas e diligentes se desejam ter as necessidades da vida. Devem encorajar seus maridos ou seus operários a trabalhar de manhã cedo e trabalhar até tarde, pois guarde nossas palavras, não há comércio tão bom que se você negligenciar seu trabalho não terá dificuldade em colocar pão na mesa. E além de encorajar os outros, a própria esposa deve se envolver no trabalho na medida em que sabe tudo sobre ele, para que saiba vigiar seus trabalhadores se o marido estiver ausente, e repreendê - los se não o fizerem. [...] E quando os clientes procuram seu marido e tentam fazer uma barganha difícil, ela deve avisá-lo com solicitude para que tome cuidado para que ele não faça um mau negócio. Ela deve aconselhá-lo a ter cuidado em dar muito crédito se ele não sabe exatamente para onde e para quem vai, pois assim muitos chegam à pobreza, embora às vezes a ganância de ganhar mais ou aceitar uma proposta tentadora os faça agir assim (PIZAN, 2003).

Aqui, mais uma vez, vemos Pizan aconselhar as mulheres a assumirem esse papel de conselheiras de seus maridos, serem a voz da razão e consequentemente possibilitam que sua casa tenha uma vida de virtude e sabedoria. Portanto, como no capítulo nove da primeira parte, podemos perceber como — Christine de Pizan — considera a realidade das diferentes mulheres. Nota-se que a autora não faz distinção quando dá conselhos que resultem na autoridade das figuras femininas com quem ela dialoga. Ela incentiva as mulheres a serem sábias e principalmente a se tornarem senhoras de suas vidas.

Em seu texto, Lima (2019) defende que a autora não subestima a inteligência das mulheres ou suas capacidades quando dá conselhos práticos e comuns para a manutenção de uma vida doméstica. O foco de Pizan, em O Tesouro, não está em delimitar um lugar de reclusão para as mulheres, obviamente ela defende uma vida de devoção cristã para as mulheres, mas defende também que a educação dos filhos é responsabilidade delas, assim como a harmonia da casa.

Seu manual de educação propõe ensinar as mulheres a terem uma vida de virtude, uma vida que se baseia nos ensinamentos das Sagradas Escrituras e nos mandamentos de Deus. A fim de que essas mulheres possam ser, em seu entendimento, boas mães, esposas e um exemplo de virtude para outras. É nessa relação construída entre mulher e mulher, entre as mais velhas que ensinam as mais novas, entre parentes que divulgam e compartilham esses conselhos e ensinamentos que a Autoridade é concedida às mais diferentes mulheres com quem Christine de Pizan dialoga em seu livro O Tesouro.

Considerações Finais:

Christine de Pizan, a figura central desta monografia, revela-se uma pessoa consciente dos problemas de seu tempo, uma mulher que não deixa que os ideais que menospresavam e diminuiam seu sexo continuassem a ser descutidos sem uma oposição ou resistência. A autora assume, assim, um protagonismo na Querela das Mulheres quando se torna o principal expoente dentro desse debate. Suas obras A Cidade das Damas e O Tesouro podem ser vistas como revolucionárias e transformadoras, ao apresentarem uma nova visão quanto às mulheres, suas histórias e capacidades.

Consciente de sua realidade, Christine usa de suas experiências para falar às mulheres e dar-lhes voz. Em A Cidade das Damas, a autora resgata uma genealogia feminina ao tempo que constrói uma cidade ideal para as mulheres, questionando as restrições que lhes são impostas. Assim, Pizan defende seu sexo, reclama uma posição de autoridade e questiona vozes misóginas. Em O Tesouro, Christine revoluciona diferenciando-se dos escritos de homens, quanto à educação feminina, ao falar com propriedade sobre a verdadeira realidade que mulheres de diferentes classes sociais enfrentavam e ao dar conselhos práticos que concedem autoridade, virtude e sabedoria.

Este trabalho procurou ressaltar a importância e relevância que a obra O Tesouro tem na educação feminina a partir do século XV, considerando que Christine de Pizan soube conciliar a realidade da época com a defesa e legitimação dos saberes e práticas femininas. Ao produzir um manual de educação que inova a literatura pedagógica, Pizan escreve um espelho que ensina princesas e rainhas a governarem, ao tempo que escreve um *exempla* que aconselha mulheres modestas. Ela defende uma educação feminina não aos moldes do que os moralistas pensam se tratar a educação ideal para mulheres, mas considerando as verdadeiras necessidades delas, necessidades que conhecia de perto. Assim, Pizan usando da boa formação que teve, olhou para as mulheres ao seu redor sem diferenciá-las quanto a sua importância, e sim reconhecendo as diferentes realidades de mulheres para atender suas necessidades específicas.

Christine de Pizan orienta diferentes classes de mulheres no intuito de torná-las autoridades. Seu livro é um manual de educação que ensina princesas, rainhas, damas de companhia, senhoras de terras, comerciantes, freiras etc, a serem mulheres, prudentes, sábias

e detentoras de autoridade. Pizan não utiliza uma divisão temática a partir dos conceitos de solteiras, casadas, viúvas, assim, O Tesouro ensina, mediante valores cristãos, diferentes mulheres a serem boas mães, esposas, senhoras, conselheiras e administradoras de terras, posse e bens financeiros.

A posição que as mulheres ocupam dentro de O Tesouro raramente aparece em outros manuais de educação femininos. Ela se recusa a aceitar uma posição desfavorável às mulheres. Assim, tanto na Cidade das Damas quanto no Tesouro ela demonstra como inferiorização, desqualificação e apagamento femininos são deliberados, infundados e inaceitáveis.

As obras de Christine e sua proposta de educação passaram por diferentes períodos de popularidade, como aponta o terceiro capítulo desta monografia, e seus textos foram amplamente traduzidos. A autora não tem uma visão geograficamente ou culturalmente limitada para a abrangência de seus ensinamentos. Seu discurso não é "global", mas sua motivação é. Ela quer falar a todos e ensinar a todas. Pizan inaugura uma nova forma de pensar a educação para as mulheres, entretanto, ela ainda é desconhecida da maioria das mulheres de hoje. Este trabalho contribui para uma melhor compreensão do papel que ela e outras mulheres tiveram na História, ao tempo que critica uma História que não inclui a riqueza das experiências femininas, silenciando o papel transformador que muitas tiveram na História.

Fontes

Fonte Primária

PIZAN, Christine de. *The Treasure of the City of Ladies or The Book of the Three Virtues. 2003.* Penguin Group;

LEITE, Lucimara, ***Edição Semidiplomática do Livro "O Espelho de Cristina"*** [Livro Eletrònico], Arquivos NEHilP, v.18, Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2019 (consultado em 27 de março de 2022)

Disponível em: Versão pdf do arquivo omp, Gerenciar editora, NEHiLP_18.pdf (usp.br) ;

Manuscritos Originais

Francês Médio:

PIZAN, Christine de. ***Le Trésor de la cité des dame – Le livre des trois vertus.*** **1497**. pour Antoine Vérard. sur *gallica.bnf.fr* (consultado em 27 de março de 2022)

Disponivel em <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b86000706/f1.image>

PIZAN, Christine de. ***Le livre des trois vertus***. **1497**. pour Antoine Vérard. sur *Le Projet Gutenberg* (consultado em 27 de Março de 2022)

Disponivel em <https://www.gutenberg.org/files/26608/26608-h/26608-h.htm>

Português Médio:

PIZAN, Christine de, ***Livro das tres vertudes a inssinança das damas,*** Manuscrito — 1447-1455? , Biblioteca Nacional de Espanha, Biblioteca Digital Hispánica, (consultado em 19 de Abril de 2022),

Disponível em http://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000187089&page=1

Referências Bibliográficas

BROCHADO, Cláudia. **A querelle des femmes e a política sexual na Idade Média.** Brathair**.** São Luís: (UEMA), Vol. 19, No. 2, p. 63-91, 2019.

BROWNLEE, Kevin. FRANCIS Scott: **Querelles des femmes: French Women Writers of the 15th and 16th Centuries**, University of Pennsylvania Press, French Forum, Vol. 42, No. 3, p. 337-339, 2017.

CALADO, Luciana. **A CIDADE DAS DAMAS: a construção da memória feminina no imaginário utópico de Christine de Pizan,** Tese de Doutorado, Universidade Federal de Pernambuco, 368 p., Recife, 2006.

COELHO, Maria Filomena. **Um universo plural: política e poderes públicos na Idade Média (séc. XII-XIII)**. In: TORRES, Armando. (Org.). La Edad Media en perspectiva latinoamericana. 1ed. Heredia: Editora de la Universidad Nacional de Costa Rica - EUNA, v.1, p.133-150, 2018.

CORREIA, Licínia Maria da Trindade. **A Insinança das Damas – Formas de Poder Feminino no século XV (o caso de Isabel de Lencastre),** Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2013.

COSTA, Marcos Roberto Nunes e COSTA Rafael Ferreira. **Mulheres Intelectuais na Idade Média**, Editora Fi, Porto Alegre, 2019, 296 p. ISBN 978-85-5696-599-8.

CRISPIM, Maria de Lourdes. **As Mulheres num Manuscrito do Sec. XV**, Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, n. 10, pp. 351-361, Lisboa, Colibri, 1997

DUFRESNE, Laura Jean. **An Assembly of Ladies The Fifteenth-Century Pictorial Tradition of Christine de Pizan's "La Cité des Dames" and "Le Trésor de la Cité des Dames"** Doctor Philosophy Dissertation, University of Washington, 1989.

DUFRESNE, Laura Rinaldi. **Christine de Pizan's "Treasure of the City of Ladies": A Study of Dress and Social Hierarchy**, in Woman's Art Journal , Autumn, 1995 - Winter, 1996, v.16, n.2, pp. 29-34, Published by: Woman's Art Inc., 1996.

FERRARO, Alceu Ravanello. **Querela das Mulheres, Igualdade e Direito à Educação: França, 1399 a 1793**: Educação & Realidade, Porto Alegre: (UFRGS), Vol. 46, No. 3, 2021.

LAIDLAW, J. C.. **Christine de Pizan as Publisher,** University of Aberdeen,The Modern Language Review: Modern Humanities Research Association Vol 82, No 1, p. 35-75, 1987.

LIMA, Gizelda Ferreira Do Nascimento. **Uma Análise da Educação Feminina em "O Livro das Tres Vertudes a Insinança das Damas" de Christine De Pizan**, Dissertação de mestrado, Universidade Federal da Paraíba, 100 p., João Pessoa, 2019.

LAWSON, Sarah. **Introduction to the Revised Edition** in. PIZAN, Christine de: The Treasure of the City of Ladies; Edição Revisada publicada em 2003, Inglaterra: Penguin Books, p. 13-30.

LEITE, Lucimara. **Christine de Pizan: uma resistência na aprendizagem da moral de resignação**, Tese apresentada na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 228 p., São Paulo, 2008.

MARTÍNEZ, Ana Vargas. **Del pensamiento de Dante en la obra de Christine de Pizan**, In: Iura Monarchiae. Il pensiero politico di Dante tra Antichità, Medioevo ed Età moderna A cura di Michele Curnis, Revista de la Asociación Complutense de Dantología, Madrid, 2018.

MARTÍNEZ, Ana Vargas. **"La Ciudad de Las Damas" de Christine de Pizan: Obra Clave de la Querella de Las Mujeres,** in: La Querella de las Mujeres I. Análisis de textos. C. Segura Graiño coord., Madrid, A. C. Almudayna, 2009.

MENDONÇA, Manuela. **O Espelho de Cristina (Séc. XV)**, Hist. R., Goiânia, v.18, n.1, p. 53-68, jan/jun, 2013.

OLIVEIRA Terezinha. VIANA Ana P. dos Santos, **Um estudo da mulher no processo educativo medieval do século IX: reflexões sobre o manual de Dhuoda**, Revista de Ciências Humanas, Florianópolis, v. 52, 2018.

OLIVEIRA Terezinha. VIANA Ana P. dos Santos, **Espelho de príncipe: reflexões a partir do Manual de Dhuoda**, Linhas Críticas, Brasília, DF, v.23, n.50, p. 111-130, 2017.

PEDRO, Joana M.. **Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa,** Histórica, SÃO PAULO, v.24, N.1, P.77-98, 2005.

PEREIRA, Rosuel Lima. **O papel do Espelho de Príncipes na educação dos soberanos portugueses: O caso do rei Dom Sebastião de Avis**, in: Historia Antiga e Medieval. Conflitos sociais, guerras e relações de gênero: representações e violência, VII, UEMA, 2019.

PERNOUD, Régine, **Christine de Pisan**, Calmann-Lévy, 1982, ISBN 2-7021-0460-6.

RIVERA, María Milagros. **Mujeres y Hombres en La Europa Feudal** in: La diferencia sexual en la historia, U. Valencia, 2011.

RIVERA, María Milagros. **Dhuoda: La Maternidad** in: TEXTOS Y ESPACIOS DE MUJERES: EUROPA, SIGLO IV-XV, Icaria editorial, 2011.

SANTOS, Anna Beatriz Esser dos. **O ideal moralizante em Christine de Pizan: Uma análise da Cidade das Damas**. In: Gracilda Alves; Bruno Marconi da Costa. (Org.). Estudos de Poder, Religião e Sociedade na História., v.1, p.1-350, 1ed., RJ: Autografia, 2018.

SANTOS, Anna Beatriz Esser dos. **Christine de Pizan e a Educação de Mulheres no Alvorecer da Modernidade.** Revista Interinstitucional Artes de Educar "Dossiê História das Mulheres e Educação". Rio de Janeiro, Vol. 7, No.2 - p. 791-804, 2021.

SCHMIDT, Ana Rieger. **Christine de Pizan e o humanismo francês: elementos para contextualização histórica,** doispontos: Curitiba, São Carlos, Vol 18, No 1, p. 247-263, 2021.

SHUTTER, Lynn. **Boccaccio, Christine de Pizan, and Marital Affection: The Case for Common Ground** Comparative Literature 68:3, Oregon, 2016.

SONSINO, Ana Luisa. **Os leitores do Espelho de Cristina: um recorte das cortes**, Revista Medievalista online, n.25, 2019;

WUENSCH, Ana Miriam. **A cidade-mundo de Christine de Pizan.** In: BROCHADO, Cláudia; DEPLAGNE, Luciana Calado. (Org.). Vozes de mulheres da Idade Média. João Pessoa: Editora UFPB, p. 112-131. 2018.

WUENSCH, Ana Miriam. **O quê Christine de Pizan nos faz Pensar?,** GRAPHOS (JOÃO PESSOA), v. 15, p. 1-12, 2013**.**

Declaração de Autenticidade

Eu, Mariana Diniz, declaro para todos os efeitos que esse trabalho de conclusão de curso intitulado *"O TESOURO DA CIDADE DAS DAMAS – O LIVRO DAS TRÊS VIRTUDES"* RECONHECENDO AUTORIDADE E SABEDORIA DAS MULHERES foi integralmente por mim redigido, e que assinalei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores.

Declaro ainda que o trabalho nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico.

Brasília, 06 de outubro de 2022

Mariana Diniz

Discente